

Memórias de um antropólogo na primeira metade do século XX

as “Notas e Opiniões” de Edgard Roquette-Pinto
nas páginas do *Jornal do Brasil**

*Memories of an anthropologist in
the first half of the twentieth century
the “Notas e Opiniões” by Edgard Roquette-Pinto
in the pages of Jornal do Brasil*

VANDERLEI SEBASTIÃO DE SOUZA

Professor do Departamento de História
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-PR)
vanderleidesouza@yahoo.com.br

NÍSIA TRINDADE LIMA

Professora e Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz
Pesquisadora do CNPq
lima@fiocruz.br

RESUMO Entre 1951 e 1954, o antropólogo e escritor Edgard Roquette-Pinto manteve uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*, por meio da qual discutia temas relacionados à ciência, literatura, comunicação, educação, antropologia e à sua própria sociabilidade intelectual. Embora a coluna tratasse de questões polêmicas que envolviam a vida cultural e política de início dos anos 1950, era frequente a recorrência ao passado, às idéias, eventos e personagens que compuseram a sua trajetória intelectual e a de sua geração que se formou na passagem do século XIX para o XX. Assim,

* Artigo recebido em: 04/10/2011. Aprovado em: 16/03/2012.

o objetivo deste artigo é analisar as crônicas de Roquette-Pinto enquanto textos de memórias, procurando demonstrar que o autor utilizou sua coluna como uma escrita de si, um espaço para descrever as experiências e a sociabilidade que manteve com a sua geração. De outro lado, o artigo destaca que sua coluna também deve ser lida como uma escrita pública, por meio da qual o antropólogo expressava sua militância política e seus projetos intelectuais, sobretudo aqueles ligados à antropologia.

Palavras-chave Edgard Roquette-Pinto, memória, autoridade antropológica

ABSTRACT Between 1951 and 1954, anthropologist and writer Edgard Roquette-Pinto held a weekly column in the *Jornal do Brasil*, through which discussed topics related to science, literature, communication, education, anthropology and his own intellectual sociability. Although the column were dealing with controversial issues involving the cultural and policy life in Brazil early 1950, was the frequent recurrence to the past, ideas, events and personages that made up his intellectual trajectory and of generation formed in the late nineteenth to the twentieth century. So, the objective of this paper is to analyze the chronicles of Roquette-Pinto while texts of memories, trying to demonstrate that the author used his column as a writing itself, a space to describe the experiences and sociability he had with his generation. On the other hand, this work highlights that his column also must be read as a public writing, through which the anthropologist expressed his political activism and their intellectual projects, especially those related to anthropology.

Keywords Edgard Roquette-Pinto, memory, anthropological authority

Apresentação

No dia 18 de outubro de 1954, os principais jornais do país estampavam a notícia da morte do antropólogo, educador e escritor Edgard Roquette-Pinto. O jornal *O Globo* dedicou duas páginas comentando a trajetória daquele que teria sido “um dos maiores brasileiros do seu tempo”.¹ Intelectuais como Afonso Taunay, Pedro Calmon, Carlos Chagas Filho, Gastão Cruls, Barbosa Lima Sobrinho, entre outros, renderam-lhe homenagens nas páginas de jornais e revistas literárias, lembrando que a trajetória de Roquette-Pinto sempre foi dedicada ao estudo dos “problemas brasileiros”. Sua morte, ocasionada por um derrame cerebral, conforme anunciava a imprensa, ocorreu em seu apartamento da Avenida Beira Mar, entre o centro

1 Desfalcados os quadros culturais do país com a morte do professor Roquette-Pinto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19/10/1954.

do Rio de Janeiro e o Bairro do Flamengo, no mesmo edifício onde residia seu amigo Manuel Bandeira. De acordo com o *Diário Carioca*, a morte do antropólogo teria ocorrido em “pleno exercício de sua atividade intelectual”, enquanto escrevia uma crônica sobre a situação educacional no país.² O texto que então elaborava seria enviado ao *Jornal do Brasil* para ser publicado na coluna que mantinha há pelo menos quatro anos, entre 1951 e 1954.

Em homenagem ao intelectual carioca, o *Jornal do Brasil* publicaria as últimas frases escritas por seu cronista, tal qual encontrou, ainda inacabado, em sua velha máquina de datilografia. O texto tratava do recente discurso que o então presidente Café Filho teria feito em defesa da educação, no qual mobilizava “a nação para lutar pelo melhoramento espiritual de sua gente”. Roquette-Pinto aplaudia a iniciativa de Café Filho, destacando que o país precisava romper com a herança colonial, cuja tradição teria acostumado os brasileiros a esperar tudo do governo, tirando-lhes a capacidade de iniciativa. Repetindo as palavras do Imperador Mitsuhiro, líder da reforma da educação japonesa em meados do século XIX, o antropólogo recomendava a cada brasileiro que soubesse ler que ensinasse aos que não sabiam. Esta seria, em sua opinião, a maneira mais eficiente de propagar a educação para todos os recantos do país.³

Sua última crônica expressava o tom que havia caracterizado sua coluna: um espaço para discutir temas e idéias que teriam marcado a sua própria trajetória como intelectual e homem público. Publicada duas vezes por semana, sempre as terças-feiras e aos sábados,⁴ sob o título “*Notas e Opiniões*”, a coluna que Roquette-Pinto mantinha no *Jornal do Brasil* tratava de assuntos variados, quase sempre ligados à vida intelectual, social e política do país. Boa parte dos artigos, escritos em forma de pequenas crônicas, notas ou comentários de leituras, estava relacionada tanto à sua sociabilidade e à suas atividades públicas, quanto às discussões sobre ciência, literatura e educação, temas de sua predileção intelectual. Embora a coluna tratasse de questões polêmicas envolvendo discussões públicas que mobilizavam o país no início dos anos 1950, era freqüente a recorrência ao passado, à memória, às idéias e personagens que compuseram a sua trajetória.

Nascido no Rio de Janeiro em 1884, Roquette-Pinto chegou aos anos 1950 como um intelectual respeitado, cuja carreira fora sustentada tanto por sua produção intelectual quanto pela inserção em importantes instituições científicas e literárias. Desde 1905, quando se formou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, passou a fazer parte do quadro de cientistas

2 Ao escrever: Roquette-Pinto morreu. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 19/10/1954.

3 O último trabalho de Roquette-Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19/10/1954.

4 Com exceção da interrupção de algumas semanas, como ocorrera entre os meses de fevereiro a maio de 1952 e julho e agosto de 1954, a coluna manteve ao longo dos quatro anos de existência uma periodicidade bastante regular, tendo sido publicado neste período em torno de 300 artigos.

do Museu Nacional, atuando como antropólogo até meados dos anos 1930, quando solicitou sua aposentadoria. Nesta instituição, foi seu diretor por quase dez anos, entre 1926 e 1935, o que lhe garantiu credenciais destacadas no campo da ciência, da divulgação científica e da educação. Além de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 1913 e um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciências, Roquette-Pinto também fazia parte da Academia Brasileira de Letras desde 1928. Nestas instituições, manteve um expressivo círculo de relações pessoais e intelectuais. Seu nome também adquiriu prestígio como diretor e fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada em 1923 com o objetivo de estimular a divulgação científica e a educação popular. No campo da educação, teve uma atuação importante também na Associação Brasileira de Educação, sendo responsável pela fundação e direção da Revista Nacional de Educação e do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), ambos criados durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945).⁵

A coluna que manteve no *Jornal do Brasil* pode ser vista como uma espécie de coroamento de sua trajetória no mundo das letras e da ciência. De outro lado, considerando que suas *Notas e Opiniões* foram publicadas durante os últimos quatro anos de vida, quando sua saúde já se encontrava bastante comprometida pela evolução de uma doença que o acompanhava há alguns anos, é possível dizer que seus escritos faziam parte de um projeto intelectual que procurava dar sentido a sua biografia e a sua própria identidade intelectual. Não à toa, boa parte dos textos pode ser lida, ao mesmo tempo, como escritos públicos e de memórias. O autor se preocupou não apenas em discutir idéias, acontecimentos e personagens que fizeram parte de sua trajetória, como também se esforçou para ligar o presente ao passado, homogeneizando as diferentes temporalidades de sua biografia e dando sentido às suas realizações públicas e aos projetos desenvolvidos por sua geração.

Vale destacar que as crônicas publicadas nos anos 1950 tratavam tanto dos tempos correntes, das rápidas transformações que marcaram o pós-guerra, quanto do tempo íntimo, subjetivo e de memórias, onde se sobressaíam escritos de experiências pessoais e de caráter autobiográficos. De acordo com a historiografia, é neste período que as crônicas retomam os tempos áureos de início de século XX, consagrando cronistas como Rubem Braga, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Paulo Mendes Campos, Álvaro Moreyra e Nelson Rodrigues, sem falar de escritores e poetas que

5 DUARTE, Regina Horta. Em todos os lares, o conforto da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1923-1934). *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.33-56, 2004; DUARTE, Regina Horta. Rumo ao Brasil: Roquette-Pinto viajante. In: LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda de. (orgs.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/Fiocruz, 2008, p.271-294; MOREIRA, Ildeu de Castro, MASSARANI, Luisa e ARANHA, Jaime. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda de. (orgs.). *Antropologia brasileira*, p.295-324.

também se lançaram no universo das crônicas, como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e Manuel Bandeira.⁶

Ao levar em conta as características das crônicas de Roquette-Pinto, o objetivo deste artigo consiste em analisar seus escritos no *Jornal do Brasil* como “textos auto-referenciais”, como uma “escrita de si”, conforme Ângela de Castro Gomes tão bem definiu no livro *Escrita de si, escrita da história*.⁷ Nos últimos anos tem surgido, aliás, uma série de trabalhos de caráter biográfico que utilizam largamente fontes memorialistas, como diários, correspondências e autobiografias, para compreender como intelectuais, autoridades públicas, ou mesmo “pessoas comuns”, reconstroem ou projetam suas trajetórias, sua sociabilidade e suas identidades sociais. Como a historiografia mais recente vem demonstrando, os escritos de memórias não devem ser vistos apenas como textos que expressam subjetividades, sensibilidades, valores afetivos, vida privada ou intimidades. Devem ser lidos também como uma eficiente forma de deixar vestígios, muitas vezes explícitos, sobre a passagem desses personagens pelo mundo, indicando informações fundamentais para a compreensão de suas origens, de suas relações familiares, políticas e intelectuais, de sua atuação na arena pública e, acima de tudo, do modo como desejavam ser lembrados.⁸

Embora Roquette-Pinto não tenha deixado diários íntimos ou autobiografias, muitos dos textos de sua coluna trazem fragmentos importantes que reconstroem sua trajetória, desde a infância e os primeiros anos de formação até a vida como intelectual e homem público. Nestes escritos, sua inserção social, as relações intelectuais e a autoridade no campo da antropologia são algumas das portas de entradas para falar de sua atuação social, de sua identidade intelectual e de seu lugar no mundo da ciência e das letras.

De outro lado, suas “Notas e Opiniões” também podem ser lidas enquanto uma escrita pública, como uma tribuna na qual procurava intervir nas discussões de interesse público, especialmente àquelas que remetiam ao mundo das letras, da ciência e da educação. Vale lembrar que Roquette-Pinto fez parte de uma geração de escritores, ensaístas e cientistas que encontrou na atividade intelectual uma forma de expressar a missão política que se autodelegavam enquanto reformadores e portadores dos interesses

6 GOMES, Renato Cordeiro. A crônica moderna e o registro de representações sociais do Rio de Janeiro. *Z Cultural, Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea* - PACC/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 2, p.1-13, 2005; LUSTOSA, Isabel. (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008; ABREU, Alzira Alves et. al. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

7 GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: _____. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.10.

8 FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p.58-87; FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001; GOMES, Ângela de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da história*; PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

gerais da sociedade.⁹ Além disso, sua coluna pode ser vista ainda, conforme destacou André Botelho a respeito da escrita pública do cientista José Leite Lopes, como uma forma de manter um espaço social de comunicação e de formação de uma opinião pública, seja entre os pares do mundo intelectual, seja em relação aos leitores leigos que acompanhavam sua coluna.¹⁰

Memórias dos anos de formação

Em textos sobre sua infância, Roquette-Pinto descreve com maior ênfase a educação erudita e aristocrática que recebeu de seu avô materno, João Roquette Carneiro de Mendonça, com quem conviveu desde a separação de seus pais, antes mesmo de completar quatro anos de idade. De acordo com estes relatos, seus preceptores não apenas teriam lhe ensinado a ler e escrever, mas também transmitido uma refinada erudição intelectual e um aristocrático modo de ver o mundo, como era comum entre as elites brasileiras de final do século XIX. Além das aulas de piano que recebeu do mestre de música, suas memórias ressaltam as lições de francês, italiano e latim que teve de seus preceptores antes mesmo de completar 10 anos de idade, período em que viveu na fazenda que seu avô mantinha no interior das Minas Gerais.¹¹

As origens, a trajetória e a inserção política de seu pai e de seu avô materno também são narradas com orgulho em sua coluna. Em artigo de fevereiro de 1954, Roquette-Pinto lembra que o avô João Roquette, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em meados dos anos 1860, sempre foi um homem atento à vida política do país, definindo-se como um republicano de primeira hora. Ainda quando estudante, teria participado, ao lado de um grupo de jovens alunos e professores da Faculdade de Direito, dos primeiros movimentos em defesa das idéias republicanas. Junto de Rangel Pestana e outros jovens estudantes, o avô de Roquette-Pinto teria colaborado na criação e redação do jornal *O Tymbira*, um periódico de propaganda republicana.¹² Mais tarde, logo depois da proclamação da República, se envolveria com a política mineira, sendo eleito por três mandatos consecutivos ao Senado Estadual, entre 1891 e 1898. Além disso, destaca com orgulho o fato de seu bisavô Eduardo Carneiro de Mendonça, cunhado do Visconde de Avaeté, ser um dos nomes que assinaram o Manifesto Republicano de 1870.¹³

9 SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p.232.

10 BOTELHO, André. A ciência como vocação desenvolvimentista: a escrita pública de José Leite Lopes. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, n.28, p.139; p.153, 2005.

11 ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Samambaia*. Rio de Janeiro: Ariel, 1934.

12 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/02/1954.

13 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07/11/1953.

Quanto à figura do pai, o advogado Manuel Menélio Pinto, Roquette ressaltava sua origem pernambucana e aristocrática, cuja família sempre esteve ligada à monarquia. De acordo com suas memórias, assim que se formou pela Faculdade de Direito do Recife em 1875, seu pai mudaria-se para o Sudeste do país, onde faria carreira na magistratura, atuando como Juiz de Direito em Minas Gerais e como desembargador na Capital Federal. No início dos anos 1880, seria eleito deputado pela província mineira. Mais tarde, devido a sua participação na política nacional, Manuel Menélio seria obrigado a deixar a Capital Federal durante a Revolução Federalista de 1893, quando exilou-se por alguns anos no Estado do Amazonas. De “espírito vigoroso e inquieto”, conforme relembra Roquette-Pinto, seu pai não se abateria com a derrocada política que sofreu naquele período de crise republicana, voltando novamente ao Rio de Janeiro para atuar como advogado e desembargador.¹⁴

As relações de seu avô com figuras ilustres, muitos deles fortemente envolvidos na política nacional - como os senadores Alfredo Ellis e Cesário Alvim, e Francisco Furquin Werneck de Almeida, deputado integrante da constituinte de 1891 e prefeito da Capital Federal -, demonstram o quanto Roquette-Pinto desejava ser identificado com uma importante geração de políticos ligados à vida pública brasileira. Do mesmo modo, a trajetória política e profissional de seu pai, narrada de forma heróica e vitoriosa, envolvido em acontecimentos nacionais emblemáticos e sempre próximo de figuras destacadas, procura dar um sentido nobre às suas origens familiares e à sua inserção social.

Depois de sua mudança para o Rio de Janeiro, no final do século XIX, quando passou a residir com seus avôs maternos na Rua São Clemente, no bairro de Botafogo, Roquette recorda com entusiasmo do ambiente intelectual com o qual passou a conviver já na adolescência. Na residência de seu avô, teria desenvolvido gosto pelas discussões políticas, filosóficas e literárias. Todas as semanas, conforme rememorava em crônica de 1954, seu avô recebia em sua residência um círculo de amigos de projeção nacional, como o senador Alfredo Ellis e os escritores Eduardo Ramos, o ex-governador mineiro e senador Cesário Alvim, Silva Ramos e seu mestre Levindo Castro de Lafayette. Além de discussões filosóficas, “tertúlias íntimas”, “conversas espiritualistas” e discussões sobre os destinos do país, Roquette comenta que até poemas eram recitados nesses encontros, sobretudo pelo escritor Eduardo Ramos.¹⁵

Suas crônicas descreviam ainda as relações com outros personagens que também marcariam seus anos de formação, seja no Colégio Aquino, onde completou o curso secundário em humanidades, seja na Faculdade

14 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07/11/1953.

15 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/04/1954.

de Medicina do Rio de Janeiro. Neste período, uma das figuras que mais teriam chamado a sua atenção foi o médico Henrique Rodolpho Baptista, com quem trabalhou como seu assistente durante alguns anos. O colonista do *Jornal do Brasil* recorda que aprendeu muitas lições de generosidade e humanidade com seu “mestre”, especialmente acompanhando-o pelas regiões “mais tristes” das redondezas da Capital Federal, nas quais se dirigia com freqüência para atender a população carente.¹⁶ Além disso, suas primeiras lições de positivismo, filosofia a qual Roquette-Pinto foi desde cedo um de seus adeptos, teria ouvido de Henrique Baptista. Anos mais tarde, a aproximação entre os dois se estabeleceria de forma ainda mais forte, uma vez que Roquette-Pinto se casaria com a jovem Riza Baptista, filha do médico catarinense.¹⁷

Conforme é possível perceber, Roquette-Pinto dava sentido a sua trajetória apresentando-se como um jovem cuja educação fora exemplar. Do mesmo modo, o ambiente erudito no qual conviveu ainda menino, ao lado de autoridades políticas e intelectuais de renome nacional, também era apresentado como um elemento de distinção em sua formação. Como destacou Sérgio Miceli, na tentativa de explicar suas origens sociais e as circunstâncias em que se sentiram atraídos pelo trabalho intelectual, os homens de letras quase sempre evocam personagens ilustres que teriam sido responsáveis por sua formação e pelo desenvolvimento de sua genialidade. Para explicar esse processo, os intelectuais dedicam páginas e mais páginas relatando suas experiências de iniciação cultural (na escola, na família, na igreja, nas brincadeiras etc.), “como se tais ‘façanhas’ fossem indícios daquilo que viriam a ser”.¹⁸ Neste sentido, pode se tomar estes relatos autobiográficos, conforme destacou Pierre Bourdieu, como um esforço do autor para dar sentido a sua história de vida, “de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância”, que pudessem estabelecer “relações inteligíveis”, como causa e efeito, entre os fatos ocorridos ao longo de sua trajetória.¹⁹

A recorrência de Roquette-Pinto às suas origens sociais deve ser vista, sem dúvida, como vestígios de sua ligação com setores influentes da sociedade, como a reafirmação do seu lugar social, de sua identidade e da posição intelectual e política que ocupara nos primeiros anos de vida pública. Contudo, não se pode imaginar que o sentido da trajetória intelectual e política de Roquette-Pinto, assim como de toda a sua geração, dependesse, no essencial, de sua origem social e do apoio oligárquico que

16 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12/12/1953.

17 VENÂNCIO FILHO, Alberto. Prefácio à sétima edição. In: ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Rondonia: anthropologia – ethnographia*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p.12.

18 MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.83.

19 BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*, p.184.

conseguiam ou não mobilizar no início da carreira, como se essa inserção fosse determinante para o sucesso de sua vida profissional, para a posição que ocuparia na hierarquia interna desses grupos e para as conquistas materiais que essas funções lhes proporcionavam.

Como pretendemos demonstrar, a reconstrução de suas origens e dos espaços sociais que freqüentara também devem ser vistos como uma forma de reviver a sua sociabilidade intelectual, de manter um diálogo público com sua geração e de homenagear os personagens que eram rememorados como figuras importantes em sua trajetória, tanto do ponto de vista pessoal ou afetivo quanto profissional. Além disso, reafirmar essa sociabilidade, e mesmo sua inserção em associações e instituições científicas, também significava reafirmar o seu lugar e sua identidade enquanto homem público e de ciência.

Revisitando sua geração na República das letras e das ciências

Uma experiência importante que Roquette-Pinto rememora sobre sua vida de estudante, e que o inseria em um influente grupo de intelectuais da Primeira República, foi a participação no círculo que freqüentava o “salão” do médico e matemático Licínio Cardoso.²⁰ Embora em sua coluna não apareçam maiores informações sobre essas reuniões, é possível imaginar que o grupo que se reunia em torno da figura de Licínio fosse formado especialmente pelos admiradores do positivismo. Entre estes, estariam o matemático e militar Roberto Trompowski Leitão de Almeida, o médico Henrique Rodolpho Baptista e o geógrafo e engenheiro Henrique Morize, cuja amizade e interesse pelo positivismo os ligavam fortemente. Entre os jovens estavam, além de Roquette-Pinto e seu amigo Vicente Licínio Cardoso (filho de Licínio), os estudantes Manuel Amoroso Costa e Azevedo do Amaral, ambos formados em matemática e professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o principal reduto dos positivistas no Brasil desde o último quartel do século XIX.²¹

Boa parte desta geração se reuniria, anos mais tarde, para fundar a Academia Brasileira de Ciências, criada inicialmente junto à Escola Politécnica, em maio 1916. Nas páginas do *Jornal do Brasil*, Roquette-Pinto ressaltava o papel da Academia e dessa geração de cientistas no debate sobre as mais variadas questões científicas, ressaltando que a maioria de seus membros fazia parte de instituições como o Observatório Nacional, o Instituto de Manguinhos e o Museu Nacional. Segundo ele, “homens ilustres, da mais variadas especialidades científicas” teriam sido recepcionados na

20 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27/10/1953.

21 FERREIRA, Luiz Otávio. *Os Politécnicos: ciência e reorganização social segundo o pensamento positivista da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, 1862-1922*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989. (História, Dissertação de mestrado).

instituição, como Charles Lapicque, Paul Rivet, Madame Curie e o físico Albert Einstein.²²

As referências acerca da Academia Brasileira de Ciências não devem ser vistas como fortuita uma vez que o nome do antropólogo constava entre aqueles que haviam participado de sua fundação. Entre os cientistas ligados a essa instituição encontravam-se figuras muito próximas a ele, como Henrique Morize, os irmãos Álvaro e Miguel Ozório de Almeida, Afrânio Peixoto, Azevedo do Amaral, Juliano Moreira, Licínio Cardoso e Manoel Bomfim. Vale lembrar que nos anos 1950, quando escrevia sua coluna, essa geração era celebrada como a precursora do moderno pensamento científico brasileiro, o que justificava o esforço de Roquette em destacar o seu lugar junto a essa geração. Além disso, o grupo ligado à Academia Brasileira de Ciências também ficaria marcado pela atuação em prol da educação, da divulgação científica e da criação da radiodifusão no Brasil, atividades nas quais Roquette esteve ligado durante muitos anos. Por intermédio da Academia, conforme destacava em sua coluna, seria criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro em 1923.²³ De acordo com Roquette-Pinto, a propósito do discurso de Henrique Morize quando da inauguração da Academia Brasileira de Ciências, o objetivo da instituição era atuar publicamente, retirando os cientistas dos compartimentos estanques em que viviam no Brasil.²⁴

Como destacou Dominichi Miranda de Sá, essa geração de cientistas se caracterizou, nas primeiras décadas do século XX, não apenas pela divulgação da ciência, mas também pela dedicação à profissionalização e à especialização da atividade científica.²⁵ Preocupados com a utilidade social da ciência e a modernização do país, essa geração estudava a realidade a partir do desenvolvimento de métodos práticos e experimentais, da observação empírica, de estudos em laboratórios, da padronização mais rigorosa da linguagem científica e da criação de modernas e bem equipadas instituições de ensino e pesquisa.

Em texto publicado semanas antes de sua morte, Roquette rememorava outra experiência, ainda no seu tempo de estudante, que também explicitava suas relações com a geração de intelectuais que se formara nos primeiros anos do século XX. Tratava-se de um evento que o aproximaria de um grupo de médicos e sanitaristas ligados a Oswaldo Cruz, um dos mitos da ciência brasileira ainda em vida.²⁶ Em 1904, quando cursava o quarto ano do curso médico, seria convidado pelo médico Luiz Pedro Barbosa, delegado de saúde do Rio de Janeiro, para juntar-se a um grupo de “auxiliares acadê-

22 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13/10/1951.

23 LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda de. Roquette-Pinto e sua geração na República das Letras e da Ciência. In: _____. (orgs.). *Antropologia brasileira*, p.62.

24 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13/10/1951.

25 SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.

26 BRITO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

micos” que fariam visitas domiciliares nos bairros da Capital Federal, tendo por objetivo fazer inspeções sanitárias e repassar “conselhos higiênicos” à população. Conforme destacaria, a equipe fora organizada pelo próprio Oswaldo Cruz, que exercia a função de Diretor Geral de Saúde Pública, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves para coordenar as campanhas de erradicação da febre amarela e da varíola. Em suas palavras, o objetivo de Oswaldo Cruz era “saber ao certo como vivia a gente cujo estado sanitário era, agora, uma das suas absorventes preocupações”.²⁷

É importante dizer que Roquette-Pinto relatava com alguma frequência sua proximidade com a geração de médicos ligados ao movimento sanitarista, do qual ele próprio se associou durante os anos 1910, quando da criação da *Liga Pró-Saneamento do Brasil* e da *Revista Saúde*. Sob a liderança de Belisário Pena, lembrava ele em artigo de 1953, se formaria um “pelotão de bons brasileiros” dedicados aos interesses do país.²⁸ Em seus escritos de memórias, nomes como Oswaldo Cruz, Belisário Pena, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Miguel Couto, Afrânio Peixoto, Castro Barreto, para citar apenas os de maior projeção nacional, aparecem como algumas das figuras de seu círculo de relações intelectuais.

Como se sabe, o movimento sanitarista teve um protagonismo destacado durante a Primeira República, denunciando as péssimas condições de higiene e o grande número de doenças como os principais responsáveis pelo atraso do país.²⁹ Sintonizado com os pressupostos defendidos por essa geração, o próprio Roquette-Pinto repetiria em seus trabalhos antropológicos a idéia segundo a qual os problemas brasileiros não deveriam ser atribuídos à formação racial do país, como muitos julgavam, mas sim às inúmeras doenças e à falta de educação. Repetindo o discurso que marcou a obra de Alberto Torres, cuja influência tinha sido decisiva para a geração dos sanitaristas, Roquette-Pinto não se cansava de lembrar que o grande problema do país consistia na falta de organização nacional.³⁰ Na verdade, como destacou Regina Horta Duarte, o antropólogo do Museu Nacional “afirmava o seu pertencimento a uma geração à qual o Brasil devia um grande serviço, pois tinha sido a primeira a ‘descrer das fabulosas riquezas do Brasil, para começar a crer nas decisivas possibilidades do trabalho’”. Como um dos principais defensores do valor do homem brasileira

27 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/09/1954.

28 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/10/1953.

29 CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitarista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985; LIMA, Nísia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996, p.23-40; LIMA, Nísia Trindade. Public health and social ideas in modern Brazil. *American Journal of Public Health*, v.97, n.7, p.1168-1177. jul. 2007.

30 ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio de antropologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978 [1933].

no, Roquette-Pinto apostava na força da educação, da ciência e da técnica para a organização e a construção de um novo Brasil.³¹

Como um adepto dessa ideologia reformista, Roquette-Pinto buscava em sua crônica jornalística reforçar sua ligação com essa geração de médicos e sanitaristas, a quem ele atribuía o cultivo de um “idealismo vibrante”.³² Além de destacar sua proximidade com as principais lideranças dessa geração, era preciso também enfatizar o fato deste consórcio se iniciar ainda na juventude, como fez ao mencionar a sua atuação ao lado de Oswaldo Cruz ainda em 1904. De outro lado, referir-se à gênese de sua inserção na arena pública não somente o colocava como um dos precursores do movimento sanitarista, como também deixava impressa a idéia de uma precoce maturidade intelectual, como uma antecipação de seu próprio destino como um intelectual envolvido com os problemas do país.

Em suas crônicas, Roquette-Pinto não deixaria de mencionar também seu contato e suas experiências com as diferentes gerações de naturalistas, antropólogos e educadores que passaram pelo Museu Nacional. Figuras como João Baptista de Lacerda, Alípio de Miranda Ribeiro, Alberto José de Sampaio, Costa Lima, Barbosa Rodrigues, Bastos de Ávila e Heloísa Alberto Torres são apenas alguns dos nomes que o cronista classificava como “homens de ciências” que teriam dedicado suas atividades científicas aos interesses do Brasil. Para Roquette-Pinto, o Museu Nacional abrigava os principais nomes da ciência brasileira, o que teria possibilitado que a instituição se destacasse como um “centro irradiador” de conhecimento dos “problemas” e das “riquezas nacionais”.

Conforme aponta Regina Horta Duarte, ao unir as diferentes especialidades científicas, a divulgação do conhecimento, a educação e uma forte missão política, esses cientistas buscavam, ao mesmo tempo, se projetar nos meios científicos, buscar apoio governamental a seus projetos e, principalmente, pleitear “um papel ativo para si e para o Museu Nacional na construção de políticas públicas”.³³ Neste sentido, rememorar a tradição científica e a centralidade exercida pelo Museu Nacional, tal qual fizera Roquette-Pinto nas páginas do *Jornal do Brasil*, significava não apenas reafirmar a memória dessa geração e do Museu Nacional entre os leitores em geral, como também destacar a missão pública da ciência e dos cientistas, conforme defendia sua orientação positivista.

O círculo de relações que manteve na Academia Brasileira de Letras também era freqüentemente rememorado em sua coluna. Eleito em 1927 para a cadeira que fora de Silvio Romero e Osório Duque Estrada, Roquette

31 DUARTE, Regina Horta. Rumo ao Brasil, p.177.

32 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/10/1953.

33 DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p.17.

manteve uma presença constante na instituição, tendo participado de sua direção e publicado trabalhos sobre antropologia, história e literatura na revista dos acadêmicos.³⁴ Mesmo nos anos 1950, com a saúde bastante comprometida, continuava freqüentando as reuniões nas salas do *Petit Trianon*. Em suas crônicas, há referências a Aloysio de Castro, Gastão Cruis, Hélio Lobo, Afrânio Peixoto, Manuel Bandeira, Silva Ramos, Mucio Leão, Afonso Taunay, Miguel Ozório de Almeida, entre outros acadêmicos com os quais conviveu e que os identificava como “mestres” ou “amigos”. Em muitos dos escritos em que há referências a essa geração, Roquette-Pinto comenta não só suas relações pessoais e intelectuais como também as obras e a biografia destes escritores.

Descrever a trajetória de intelectuais e cientistas sempre fora, aliás, uma das predileções não só de Roquette-Pinto como de sua própria geração. Em sua coluna, era freqüente a apresentação, mesmo que sucinta, de dados biográficos e comentários sobre a obra de escritores considerados por ele como “ilustres e exemplares”. Entre estes, é possível encontrar personagens ligados a sua geração, mas também de figuras históricas pelas quais cultivava grande admiração intelectual, como Alexandre Rodrigues Ferreira, Saint-Hilaire, Johann Goethe, Von Martius, Augusto Comte, Charles Frederick Hartt, entre outros. Para Roquette-Pinto, o conhecimento e a valorização da memória desses “grandes homens” teriam um papel pedagógico importante para as novas gerações, uma vez que serviriam como modelos de dedicação e inteligência. Em escrito publicado em dezembro de 1953, Roquette destacava: “Os que morrem e deixam saudades continuam amparando os que ficam. (...) Mas para os moços isso não basta; eles precisam, para a dignidade da vida, estimar e admirar os grandes vultos da sua terra. Destarte, ainda depois de mortos, os que foram realmente grandes e úteis continuam a prestar serviços pelos séculos afora, guiando as gerações”.³⁵

O objetivo de Roquette-Pinto, no entanto, não era apenas pedagógico. É possível dizer que ao narrar a trajetória de figuras ilustres, especialmente daqueles que faziam parte do seu círculo de relações, sua intenção era também descrever o seu próprio ambiente intelectual e o discurso de sua geração. Além do mais, falar de seus interlocutores era também um meio eficiente e discreto que encontrou para falar de si mesmo, como é possível perceber nos textos em que comenta a dedicação de sua geração em defesa dos interesses nacionais. Não à toa, os escritos de sua coluna remetiam com freqüência aos temas com os quais almejava ser associado: educação, ciência, comunicação, letras e saúde pública.

34 VENÂNCIO FILHO, Alberto. Prefácio à sétima edição, p.9.

35 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12/12/1953.

Duas figuras marcantes: Capistrano de Abreu e Gilberto Freyre

Talvez os personagens mais reverenciados por Roquette-Pinto nas páginas do *Jornal do Brasil* sejam Capistrano de Abreu e Gilberto Freyre, figuras fortemente associadas a sua geração e com os quais manteve fortes afinidades intelectuais. Como se sabe, ambos ficaram bastante conhecidos pelas análises profundas sobre o Brasil, cujos paradigmas interpretativos criaram duradoura tradição no pensamento brasileiro. Em sua coluna, Roquette-Pinto comenta-os de maneiras distintas. Enquanto Capistrano é tratado como o mestre que deixara saudades, descrevendo a sua personalidade e a intimidade de suas relações, Gilberto Freyre é lembrado por sua autoridade nos estudos de sociologia e história do Brasil, destacando a proximidade de suas idéias, sobretudo no que dizia respeito à questão racial.

Com Capistrano de Abreu, Roquette manteve um contato estreito desde sua juventude, devido especialmente aos encontros no IHGB, instituição da qual foram sócios. De outro lado, o mutuo interesse pelo conhecimento da realidade indígena e sertaneja também foram temas que os aproximaram ainda cedo. Nas obras de Roquette-Pinto, Capistrano é mencionado sempre como uma autoridade nos estudos da história e da etnografia. Em texto de homenagem pela morte do historiador cearense, publicado em 1928, lembrava que Capistrano de Abreu fora “o querido mestre” dos seus “estudos etnográficos”.³⁶ Teria sido ele, por exemplo, o primeiro a chamar a sua atenção para a importância dos trabalhos de Karl von den Steinen, etnógrafo alemão que teria reformado os “métodos empregados no estudo dos índios sul-americanos”.³⁷ De acordo com Aloysio de Castro, conforme destacou em seu discurso de recepção a Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras, Capistrano de Abreu sempre foi o “mestre dileto” do jovem antropólogo, influenciando-o especialmente em seus estudos sobre as populações sertanejas.³⁸ A própria viagem científica que o antropólogo realizou ao sertão do Brasil, empreendida em 1912 pelo Museu Nacional e pela Comissão Rondon, teria sido uma sugestão de seu “mestre”, que o incentivou a “grande aventura das selvas” e ao conhecimento do homem sertanejo.³⁹

Juntamente com escritores e amigos do historiador cearense, como Paulo Prado, Afrânio Peixoto, Afonso Taunay, Teodoro Sampaio, Rodolfo Garcia, e outros, Roquette-Pinto foi um dos signatários do documento que sugeria a criação da Sociedade Capistrano de Abreu, em outubro de 1927, dois meses após a morte do historiador. De acordo com seus discípulos, a

36 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Capistrano de Abreu. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v.IV, n.1, p.1-11, março de 1928.

37 ROQUETTE-PINTO, Edgard. *Ensaio brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p.83-86.

38 CASTRO, Aloysio de. Discurso do Sr. Aloysio de Castro. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, Ano XIX, n.76, p.969-970, abril 1928.

39 ALMEIDA FILHO. Rondônia ou o homem dos sete instrumentos. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 22/11/1954.

organização desta agremiação teria por objetivo preservar a memória “do brasileiro excepcional que foi Capistrano de Abreu” e dar continuidade as suas investigações no campo da história, da geografia e da etnografia.⁴⁰

Em um dos artigos no *Jornal do Brasil*, Roquette-Pinto relembra a proximidade que manteve com Capistrano. Ao invés de comentar a sua obra e suas idéias, preferia ressaltar a personalidade do “mestre” e relembrar histórias pitorescas ocorridas entre eles. Em sua descrição, Capistrano era apresentado como um “sujeito bom e até carinhoso”, embora parecesse “rude, áspero e meio grosseiro”, uma vez que “não tinha papas na língua” e não respeitava conveniência. Era acima de tudo um homem profundamente apaixonado, resumia ele. Como uma forma de demonstrar a intimidade que existia entre ambos, lembrava que seu colega historiador não gostava de ser chamado de “Capistrano”, nem de “mestre”. Mais de uma vez teria ouvido ele próprio dizer que “Capistrano” era uma cidade italiana, e que ele não tinha nada de “Capistrano”. De todo modo, “ninguém o chamava Abreu; era mesmo Capistrano”. Também não gostava que lhe dessem o título de “mestre”, explicando que isso era “coisa de circo, ou banda de música, ou colégio tico-tico...”, destacava Roquette-Pinto.⁴¹

Em 1917, o IHGB havia conferido o prêmio “Medalha de Ouro Pedro II” a Capistrano, pela publicação de *A língua dos Caximauás*, e a Roquette, pela obra *Rondonia: ethnografia-anthropologia*. A propósito desta premiação, Roquette lembra que Capistrano tentou dissuadi-lo da idéia de comparecer ao IHGB no dia marcado para a concessão da referida medalha, tamanha sua indisposição em participar de homenagens e cerimoniais. Em narrativa bem humorada, Roquette-Pinto lembra que Capistrano chegou mesmo a inventar uma viagem ao Rio Doce, “a pretexto de visitar índios Botocudos”. Queria de todo modo que Roquette-Pinto o acompanhasse, mesmo que isso significasse uma “descortesia à venerada casa”. Para não receber a medalha de ouro, completava o antropólogo do Museu Nacional, Capistrano foi mesmo ao Rio Doce fazer pesquisa etnográfica. A partir daquela data, “passou a me chamar, por carta e de viva voz, Esaú ou Zaú. Queria dizer com isso que eu tinha trocado uma visita científica aos índios... por um prato de reles lentilhas”.⁴²

Roquette-Pinto não deixaria de mencionar também a “brasilidade rigorosa” que marcou o pensamento de Capistrano. Referindo-se a um “caso muito atoa, mas significativo”, lembrava que o historiador cearense certa vez chamou a sua atenção para o fato de escrever Brasil com “Z”. Para ele, escrever o nome do “nosso país” desta maneira era inconcebível, era coisa

40 GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2006 (História, Tese de doutorado), p.64-65.

41 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/10/1953.

42 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/10/1953.

de “burro”. E completava: “se você continuar a escrever Brasil com Z brigo com você”. Embora Roquette-Pinto justificasse que gostava do “Brasil”, explicando que era o modo como se escrevia nos tempos da independência, acabara cedendo aos apelos do amigo historiador. “Ser burro – era o de menos; mas perder a Amizade de Capistrano? Lá se foi o Z da minha particular simpatia...”, resumia Roquette-Pinto ao final de seu artigo.⁴³

Se sua aproximação com Capistrano se deu ainda na juventude, o contato com Gilberto Freyre parece ter ocorrido bem mais tarde, no início dos anos 1930, quando Roquette-Pinto já era uma figura conhecida no meio intelectual, sobretudo por seus trabalhos no campo da antropologia física. Neste período, enquanto Roquette-Pinto já exercia o cargo de diretor do Museu Nacional e freqüentava os salões da Academia Brasileira de Letras, Gilberto Freyre ainda procurava o seu lugar no mundo das letras, sendo visto apenas como um jovem promissor.⁴⁴ Em 1933, com a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre não apenas deixaria de ser uma promessa como se consagraria como um dos principais intérpretes do Brasil. Como se sabe, sua obra fora marcada por uma leitura inovadora sobre a formação histórica e antropológica do Brasil, na qual ressaltava a positividade da miscigenação racial e do hibridismo cultural do país como um elemento distintivo da condição de ser brasileiro.⁴⁵

No prefácio que preparou para a primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*, Freyre destacava a importância que Roquette-Pinto exerceu em sua maneira de conceber o significado da miscigenação no Brasil, tema que tanto o inquietava. Em passagem memorável, o ensaísta pernambucano confessava que sua impressão negativa dos marinheiros brasileiros, “mulatos e cafusos”, que ele viu andando pela neve mole do Brooklyn, quando de sua permanência em Nova York, era devido à falta de conhecimento do resultado da miscigenação racial brasileira. E concluía: “faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes”.⁴⁶ Para Freyre, conforme destacaria em 1942: “foi Roquette-Pinto o primeiro, entre nós, a distinguir com nitidez de espírito crítico e segurança de saber científico, o ‘mestiço’ doente do ‘mestiço’, repelindo a idéia da patologia da

43 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/10/1953.

44 PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p.149-156.

45 ARAÚJO, Ricardo Benzaquem. *Guerra e paz: Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994; PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre*; LARETA, Enrique Rodrigues e GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

46 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1946 [1933], p.17-18.

miscigenação a que se afeiçoara Nina Rodrigues nos seus *Estudos sobre o problema do africano no Brasil*.⁴⁷

A referência à autoridade de Roquette-Pinto decorria dos trabalhos que o antropólogo havia publicado nos anos 1920 sobre os “tipos antropológicos” do Brasil, no qual procurava refutar a tese da degeneração dos mestiços, demonstrando que estes eram perfeitamente saudáveis quando analisados do ponto de vista biológico. Os problemas brasileiros, em sua perspectiva, não se originavam da miscigenação racial, mas sim de questões referidas à ordem social e política, como as doenças e a falta de instrução. Diante dos participantes do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, que em boa parte defendiam a imigração de europeu como uma forma de melhorar a “raça nacional”, Roquette lembrava que os brasileiros precisavam ser educados, e não substituídos.⁴⁸ Não à toa, conforme lembra Regina Horta Duarte,⁴⁹ a militância no campo da educação foi uma das marcas fortes em sua trajetória, como pode ser percebido tanto em sua atuação na Academia Brasileira de Ciência, na Rádio Sociedade e no Museu Nacional, quanto na Revista Nacional de Educação e no INCE.

Ao longo de *Casa-Grande & Senzala*, ou mesmo em obras publicadas posteriormente, como em *Sobrados & Mucambos* (1936) e *Ordem & Progresso* (1959), os estudos de Roquette-Pinto são citados por Freyre como referências importantes para o conhecimento da antropologia racial do Brasil. De acordo com Maria Lúcia Pallares-Burke, Gilberto Freyre teria entrado em contato com a obra de Roquette-Pinto no final dos anos 1920, quando começava a definir os rumos de seus novos estudos sociológicos. Nessa época, os trabalhos do antropólogo teriam contribuído significativamente para que Freyre percebesse o caráter não-científico do racismo que ele próprio chegou a admirar no início de sua carreira, passando a ver a miscigenação a partir de uma nova perspectiva.⁵⁰

Poucos meses após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, Roquette escreveria uma resenha bastante elogiosa à obra de Freyre. Logo de início, fizera questão de destacar que o livro do sociólogo pernambucano poderia servir como um guia para os estudiosos e as autoridades encarregadas de discutir a formação racial do Brasil, tema que, em suas próprias palavras, era “gado do meu curral”. Em sua opinião, Gilberto Freyre vinha ocupar um lugar “condigno” junto a autores da importância de Alberto Torres, a quem Roquette considerava um dos maiores autoridades intelectuais do Brasil. *Casa-Grande & Senzala* já teria nascido “obra clássica”, enfatizava ele, de tal modo que ninguém poderia dar “mais um passo em matéria sociológica

47 FREYRE, Gilberto. Precursores esquecidos. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21/07/1942.

48 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil. *Actas e Trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro: s/ed., 1929, p.147.

49 DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante*, p.88-100.

50 PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre*, p.334-335.

referente a este país, sem consultar o volume, a menos que deseje andar errado”.⁵¹ O que mais parece ter chamado a atenção de Roquette-Pinto foi a lucidez com que Gilberto Freyre teria tratado da relação entre a sociologia e a “biologia da raça”, o que teria possibilitado que o sociólogo refutasse “as doutrinas racistas de última hora”, pois bem sabia “como são de fato velhas, disfarçadas em cosméticos ridículos”.⁵²

Em 1951, a propósito do lançamento da segunda edição de *Sobrados & Mucambos*, Roquette voltaria a comentar as interpretações presentes em *Casa-Grande & Senzala*. Em sua coluna, destacava: “Nos grandes painéis traçados por Gilberto Freyre no estudo da nossa evolução social, ele mesmo acentuou, em poucas palavras, a essência de suas conclusões: a senzala completou a casa-grande e isso foi ‘verdadeira maravilha de acomodação’; o sistema da sociedade patriarcal, assim tão equilibrado, perturbou-se quando surgiu o antagonismo característico entre o sobrado e o mucambo”. Para Roquette, a tese de Freyre confirmava a existência do que ele próprio teria chamado, “há muitos anos, *defasagem social*, perfeitamente visível, ontem como hoje, na vida brasileira, na vida rural e na vida urbana”.⁵³ Em outro escrito de sua coluna, lembrava que o conceito de “defasagem social” foi usado ainda em 1917, quando da publicação de seu livro *Rondonia: anthropologia-ethnographia*.⁵⁴

A propósito de *Sobrados & Mucambos*, o cronista do *Jornal do Brasil* argumentava que seus volumes eram “realmente encantadores” e valiam como um “álbum de família” que todo brasileiro deveria manter em sua casa. Para ele, Freyre era um erudito que se destacou pelo “cuidado na utilização da riqueza bibliográfica”, nas “evocações da crônica histórica” e no “modo de dizer as coisas e traçar o perfil das pessoas, com nímia simplicidade mas sempre em frases vivas e coloridas”. Ao final do texto, sugeria que Freyre editasse um volume que resumisse toda a sua obra, a exemplo do que havia acontecido com os volumes da filosofia positiva do “velho Augusto Comte”, a quem Roquette tanto admirava.⁵⁵

A intenção do antropólogo ao comentar a obra de seu colega pernambucano, como se pode perceber, era não apenas reafirmar a importância de *Casa-Grande & Senzala* e de *Sobrados & Mucambos* para a compreensão da realidade brasileira, mas também se colocar como o autor que havia antecedido algumas das interpretações ressaltadas por Gilberto Freyre nos anos 1930. Apresentando-se como o autor que formulou o conceito de “defasagem social”, Roquette-Pinto queria destacar que foi ele um dos primeiros escritores a apontar as deficiências sociais, e não de raça e cli-

51 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Casa-grande e Senzala. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n.5, fev. de 1934, p.116.

52 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Casa-grande e Senzala, p.117.

53 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/08/1951.

54 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/11/1953.

55 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/08/1951.

ma, como os principais problemas que afetavam a formação da sociedade brasileira. O interesse do antropólogo era, possivelmente, legitimar o que o próprio Freyre havia mencionado no prefácio de *Casa-Grande & Senzala*, quando ressaltava a importância de Roquette-Pinto no seu modo de ver os “mestiços” do Brasil.

É importante mencionar que, durante os anos 1930, Roquette-Pinto e Gilberto Freyre tiveram uma relação próxima, não apenas por suas afinidades interpretativas, mas também pelos ideais e pelas campanhas anti-racistas. Juntamente com um grupo de intelectuais, entre quais estavam Azevedo Amaral, Arthur Ramos e Inácio do Amaral, Roquette-Pinto e Gilberto Freyre assinariam, em 1935, o “Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial”. A propósito da expansão do nacionalismo na Europa e da repercussão de “idéias racistas” em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, estes intelectuais lembravam que a antropologia nada tinha a ver com o uso ideológico e político que se fazia em nome de “sentimentos e orgulho racial”. Para eles, “os racismos políticos” deveriam ser encarados “como verdadeiras perversões de idéias científicas, desnutridas ainda pela sua associação arbitrária a fantasias e a mitos pseudo-científicos”.⁵⁶

Ainda em 1935, Freyre convidaria o antropólogo do Museu Nacional para escrever o prefácio do livro sobre o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, que o primeiro havia organizado na capital pernambucana. O congresso tinha sido realizado com o objetivo de ressaltar e celebrar a contribuição da cultura africana no Brasil. Em seu prefácio, Roquette-Pinto destacaria “que a vitoriosa iniciativa de Gilberto Freyre veio no tempo apropriado”, lembrando que “há uns vinte e cinco anos não encontraria a grande voz do jovem mestre quem estivesse disposto a dedicar atenção ao negro do Brasil, salvo uns dois ou três discípulos dos precursores que foram Nina Rodrigues, Braz do Amaral, Manoel Querino e poucos mais”.⁵⁷ Ao mesmo tempo em que ressaltava o lugar de Freyre nos estudos sobre os negros, demarcava a sua própria centralidade nas pesquisas antropológicas realizadas no Brasil. Essas, segundo Roquette-Pinto, só despertaram o interesse dos intelectuais brasileiros a partir do início do século XX, quando ele mesmo começava a desenvolver seus primeiros estudos sobre as “as características antropológicas dos brasileiros”.⁵⁸

Em 1954, vinte anos mais tarde, Roquette-Pinto comemorava em sua coluna os dois “alentados volumes” que Freyre acabava de publicar sobre “a sua recente excursão pelo império português dos nossos dias”.⁵⁹ Tratava-

56 RAMOS, Arthur. Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial. In: _____. *Guerra e relações de raça*. Rio de Janeiro: Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes, UNE, p.172.

57 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Prefácio à *Estudos afro-brasileiro*. In: FREYRE, Gilberto. *Estudos afro-brasileiros*. 1 v. Rio de Janeiro: Ariel, 1935, p. I.

58 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Prefácio à *Estudos afro-brasileiros*, p.II.

59 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/02/1954; 20/02/1954.

se de *Aventura e rotina* e *Um brasileiro em terras portuguesas*, livros que o antropólogo enaltecia pela originalidade de observações e comentários a respeito de Portugal e de suas colônias da África e da Ásia. Nesta nota, o cronista do *Jornal do Brasil*, retomava o prefácio que havia escrito para o volume do Congresso Afro-Brasileiro, lembrando que já naquele momento “disse claramente o meu desejo de ver Gilberto Freyre tomar contato com a África, numa viagem em que pudesse encontrar populações que tão grande contingente forneceram ao povo brasileiro”.⁶⁰ Mais uma vez, Roquette-Pinto utiliza-se de suas crônicas tanto para reafirmar a sua antiga proximidade com um intelectual bastante consagrado no Brasil, quanto para destacar a sua antevisão e sua aguçada perspicácia intelectual, como se a viagem de Freyre aos domínios coloniais portugueses fosse a concretização daquilo que havia sugerido duas décadas antes.

Seja como for, o próprio Gilberto Freyre destacava em 1941, dez anos antes de sua viagem às terras coloniais portuguesas, que Roquette-Pinto certa vez chamou a atenção para a necessidade de se conhecer a cultura africana e sua influência sobre a vida brasileira. Referindo-se ao antropólogo do Museu Nacional como um “mestre ilustre” e um “guia” dos estudos antropológicos, o autor de *Casa-Grande & Senzala* fazia questão de ressaltar: Roquette-Pinto “já sugeriu uma vez que fosse enviada à África uma comissão de cientistas e letrados brasileiros que nos trouxessem de lá, material, de diferentes especialidades, de interesse para o estudo da formação brasileira”.⁶¹

Como é possível perceber, a interlocução e o contato de Roquette-Pinto com Gilberto Freyre é acionada por ambos como um capital intelectual importante na reconstrução de suas trajetórias. Embora Roquette-Pinto ressaltasse em seus textos de memória a sua ascendência sobre o colega de Pernambuco, não deixaria de mobilizar a consagração deste como uma forma de legitimar a sua autoridade no campo da antropologia. Em outras palavras, ao referir-se aos trabalhos de Freyre e de suas interpretações sobre o Brasil, o antropólogo do Museu Nacional acabava por falar de si mesmo, remetendo-se sempre ao lugar que almejava ocupar nos estudos dos “problemas brasileiros”. De outro lado, as referências que fazia em suas “Notas e Opiniões” podem ser vistas também como um agradecimento a Gilberto Freyre pelo reconhecimento do seu nome como um respeitado cientista brasileiro.

O mesmo pode ser dito em relação a Gilberto Freyre, que sempre fez questão de associar seu nome ao de Roquette-Pinto, a quem considerava um dos maiores mestres da chamada antropologia física.⁶² Aliás, três anos

60 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/02/1954.

61 FREYRE, Gilberto. África. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19/02/1941.

62 PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre*, p.336.

após a morte de Roquette-Pinto, em 1957, Freyre fez questão de dedicar a segunda edição de *Sociologia* à memória do “maior mestre da antropologia que já teve o Brasil”.⁶³ A homenagem, como lembrou Pallares-Burke, poderia ser lida como uma forma de reiterar sua dívida para com Roquette-Pinto, que na opinião de Freyre ainda não teria recebido o reconhecimento merecido entre os brasileiros.⁶⁴

A reafirmação da autoridade antropológica

A ambição de Roquette-Pinto em ver seu nome reconhecido nos anais da história estivera presente em vários momentos de sua trajetória. Além de exaltar suas relações com personalidades de sua geração, muitos dos artigos publicados no final da carreira procuravam também reafirmar suas realizações como cientista e homem público. Ainda nos anos 1930, quando começava a planejar a sua aposentadoria no Museu Nacional e afastar-se progressivamente das pesquisas em antropologia física, confidenciava ao amigo Humberto de Campos, com quem convivia na Academia Brasileira de Letras:

Humberto, eu sou, talvez, mais vaidoso do que você supõe. Eu não me desinteressei da minha ciência predileta, a antropologia, porque estou inteiramente tranqüilo em relação à conservação do meu nome, nos seus anais. Dentro de um século, não se escreverá sobre raças, especialmente sobre os índios, assim como sobre educação e sobre rádios no Brasil, sem subir as escadas do Museu Nacional ou das Bibliotecas para consultar o que eu deixei... Tudo que um homem de pensamento aspira, e que é a sobrevivência na memória dos homens de amanhã, eu tenho como certo.⁶⁵

Apesar da convicção a respeito do seu lugar na “memória dos homens”, Roquette não deixaria de lembrar do papel que exerceu na vida intelectual, especialmente no campo da antropologia. Mesmo após sua saída do Museu Nacional, em 1936, continuaria acompanhando de perto aquela que teria sido a sua “ciência predileta”. Publicava freqüentemente notas e comentários acerca de recentes trabalhos antropológicos, se apresentado invariavelmente como um dos precursores dos estudos raciais no Brasil. Seus artigos enfatizavam ainda a adesão aos modernos métodos de pesquisa antropológica, que teriam lhe possibilitado, desde o início de sua trajetória científica, refutar as teses racistas que condenavam a miscigenação racial e o próprio futuro do país.⁶⁶

63 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1957, p.101.

64 PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre*, p.335.

65 Apud LINS, Álvaro. *Discurso de Posse da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1956, p.68.

66 SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, 2011. (História, Tese de doutorado), p.382.

No início dos anos 1940, ao comentar o livro *O indoamericanismo e o problema racial nas Américas*, do escritor chileno Alejandro Lipschutz, Roquette destacava que mais de vinte anos de sua vida intelectual foram dedicados ao estudo do “homem do Brasil”. Ao lembrar os primeiros anos de seus trabalhos antropológicos, confessava que, assim como outros de sua geração, “vivía angustiado” com a divulgação de uma série de “teorias pessimistas” que concorria “para aumentar o desconforto moral de quem se atirava a estudar a gente do Brasil”. Em suas palavras: “Escritores dos mais lidos decidiam, no assunto, a priori malsinando os cruzamentos e, portanto, condenando irremissivelmente o nosso futuro. Enquanto isso, permaneciam de pé, esperando a indagação científica direta, questões terríveis e angustiosas: o povo do Brasil resultou de um vasto cruzamento em múltiplas direções”. Teriam sido estes, no seu dizer, os problemas e as incertezas que mobilizaram a sua mocidade, e contra as quais teria dedicado suas “melhores energias”, procurando demonstrar que a “população brasileira” era dominada por “ótimos tipos raciais”.⁶⁷

Essa mesma maneira de conceber a sua trajetória é retomada com bastante freqüência nos artigos que publicava em sua coluna. Neles, lembrava que antropologia fora, durante mais de trinta anos, a grande “paixão” de sua vida, a ciência que teria lhe dado os instrumentos necessários para “combater o racismo”.⁶⁸ Aliás, ao comentar a presença do pensamento racista na história do Brasil, Roquette argumentava que os “cruzamentos raciais” foram condenados “por gente ilustre que se deixava levar por velhos preconceitos”, citando como exemplo os trabalhos de Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Pedro Calmon.⁶⁹ O próprio Dom Pedro II era lembrado por sua estreita amizade com o Conde Gobineau, um dos maiores divulgadores das “idéias arianistas”. Segundo Roquette-Pinto, o antropólogo João Baptista de Lacerda teria recebido das mãos do próprio imperador um volume do *Essai sur l'inegalité des races humaines*, de autoria do escritor francês, cujas idéias apontavam o “homem mestiço” como um ser degenerado e incapaz de seguir o rumo da civilização.⁷⁰

Na compreensão de Roquette-Pinto, posições contrárias aos “cruzamentos raciais” por parte de intelectuais e autoridades brasileiras, tanto no Império quanto na República, foram em grande medida devido à adoção de “doutrinas fantasistas e anticientíficas”, conforme àquelas defendidas na “antropo-sociologia do famigerado Lapouge”.⁷¹ Teria faltado a eles a pesquisa e a objetividade da ciência, do conhecimento da moderna antropologia, cujos resultados demonstraram “que nos cruzamentos de tipos afastados

67 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Gente americana. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10/12/1942.

68 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/03/1952.

69 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/03/1952.

70 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/10/1953.

71 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/10/1953.

há, freqüentemente, um revigoramento, um desabrochar de novas energias, uma verdadeira neocriação de valores”. Como exemplo da positividade eugênica da miscigenação, o antropólogo citava “figuras ilustres” como os escritores mulatos Gonçalves Dias e Machado de Assis.⁷²

Por meio das páginas do *Jornal do Brasil*, Roquette procurava não apenas reafirmar-se como um dos primeiros brasileiros a valorizar a miscigenação, como também filiar-se a intelectuais reconhecidos por suas posições contrárias ao racismo científico. Se durante os anos 1920 e 1930 eram recorrentes as referências a autores cujas obras estavam associadas ao determinismo racial e à eugenia, como Charles Davenport e Eugen Fischer,⁷³ seus escritos dos anos 1950 ressaltariam apenas a interlocução com autores marcadamente anti-racistas. Entre estes, é possível identificar antropólogos e geneticistas de diferentes nacionalidades, como Julian Huxley, Franz Boas, Ashley Montagu, Gernando Corrêa, entre outros.

Ao comentar sobre as características antropológicas das populações pertencentes às colônias portuguesas na Ásia e na Oceania, o antropólogo brasileiro recordava “os notáveis trabalhos do ilustre antropólogo português, professor Gernando Corrêa”, com quem manteve correspondência pessoal durante os anos 1920 e 1930. Seus estudos sobre Goa teriam confirmado, “em matéria de cruzamentos na espécie humana, muitas das minhas próprias conclusões sobre a antropologia brasileira”, dizia ele em artigo de 1952. Roquette-Pinto recordava também do “excelente volume” que teria recebido, há muitos anos, do antropólogo Joaquim Rodrigues dos Santos Junior, da Universidade de Lisboa, sobre seus “extensos” estudos nas colônias portuguesas.⁷⁴

Talvez a referência mais emblemática seja mesmo ao antropólogo alemão Franz Boas, cuja obra ficou marcada tanto pelos trabalhos no campo da antropologia física quanto da antropologia cultural.⁷⁵ Em artigo publicado em 1953, Roquette-Pinto afirmava que conhecera pessoalmente “o velho mestre” em 1924, durante o congresso de americanistas que fora realizado na Suécia. Assim como ele, Boas teria sido “um decidido antagonista do racismo”, indicando que este seria um dos motivos que os aproximava. O antropólogo brasileiro não deixaria de lembrar as relações intelectuais que manteriam desde então, ressaltando que Boas teria lhe enviado “muitas cartas” apresentando-lhe “jovens discípulos que vinham estudar no Brasil”. Neste mesmo texto, fazia questão de ressaltar também a sua “sincera ad-

72 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08/03/1952.

73 SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*, p.216-234.

74 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/07/1952.

75 STOCKING, George. Franz Boas and the cultural concept. In: _____. *Race, culture and evolution*. Chicago: University of Chicago Press, 1968, p.195-233; LIMA, Nísia Trindade. Antropologia, raça e questão nacional: notas sobre as contribuições de Edgard Roquette-Pinto e um possível diálogo com Franz Boas. In: HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. (orgs.). *Ciência, Civilização e República nos trópicos*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj, 2010, p.255-276.

miração” ao antropólogo inglês Ashley-Montagu, ex-aluno de Boas que se destacou nos anos 1950 por seus trabalhos sobre raça junto a UNESCO.⁷⁶ Para o antropólogo brasileiro, Montagu fora feliz ao aproximar a antropologia física e a cultural, ressaltando, no entanto, que era “preciso começar pela primeira, para não construir sem base estável”.⁷⁷

Em relação ao conhecimento dos “mestres modernos” da antropologia, Roquette-Pinto elogiava os trabalhos recentes publicados pela antropóloga brasileira Maria Julia Pourchet. Em sua opinião, a autora teria dedicado seus estudos a análise comparativa entre Franz Boas, Earnest Hooton e Ashley-Montagu, atentando para as relações entre a antropologia física e a cultural. No entanto, o que mais chamou a sua atenção no trabalho de Pourchet foi a síntese desenvolvida em torno da antropologia física de Boas. Em sua opinião, a antropóloga teria “apontado com clareza os pontos essenciais da escola do mestre saudoso de Columbia”, como a “instabilidade dos tipos físicos na espécie humana”, a “interpretação dos dados antropométricos”, as diferenças entre as raças e a “influência dos cruzamentos”.⁷⁸

Como é possível perceber, temáticas como estas remetiam não apenas à antropologia física de Boas, mas às próprias questões raciais com as quais Roquette lidou ao longo de suas pesquisas sobre a composição racial brasileira. Aliás, pode-se dizer que o antropólogo brasileiro desejava ver seus trabalhos identificados com a abordagem empregada por Boas, o que legitimava a sua própria trajetória intelectual. Além disso, associar o trabalho de Boas às idéias anti-racistas, das quais o próprio Roquette argumentava ser um antigo aliado, também reforçava a sua identidade como um intelectual reconhecido pela valorização do mestiço brasileiro.⁷⁹ De outro lado, os comentários aos estudos de antropologia física desenvolvidos por Franz Boas podem ser lidos como uma forma que Roquette encontrou para validar a antropologia biológica frente à antropologia cultural, já que esta última vinha se constituindo como uma abordagem predominante nas pesquisas sobre raça.⁸⁰ É por esse motivo, talvez, que Boas é lembrado na

76 SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, de raça a população: trajetórias conceituais em antropologia física no século XX. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo Ventura. (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade*, p.129; MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da Unesco. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.390-393, 1998.

77 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27/06/1953.

78 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27/06/1953.

79 Apesar de Roquette-Pinto conhecer a obra de Boas desde os anos 1910, suas posições antropológicas não devem ser vistas como uma influência teórica vinda do antropólogo alemão, como defendeu a historiadora Nancy Stepan (*A hora da eugenia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005). Conforme destacou Nísia Trindade Lima, a proximidade de posições entre estes autores, sobretudo no que diz respeito à crítica ao racismo e à visão negativa sobre negros e mestiços, não foi uma consequência de pressupostos teóricos comuns. Essa proximidade teria ocorrido devido especialmente à interlocução entre autores brasileiros e norte-americanos e à própria agenda política e intelectual que enfrentaram em suas campanhas contra o racismo e o determinismo biológico; LIMA, Nísia Trindade. *Antropologia, raça e questão nacional*.

80 De acordo com Ricardo Ventura Santos, embora a antropologia física tenha ocupado uma posição de destaque no cenário antropológico brasileiro dos anos 1930 e 1940, a década seguinte experimentaria um progressivo eclipse da disciplina. A partir de então, o modelo racial/biológico, que predominava nos estudos antropológicos desde o século XIX, seria suplantado por análises centradas em “cultura” e “sociedade”, possibilitando que o

coluna de Roquette como um antropólogo físico, e não como o fundador da antropologia cultural, como seu nome sempre fora mais fortemente associado.⁸¹

Para Roquette-Pinto, era fundamental ligar o presente ao passado, reafirmando o papel da antropologia física no conhecimento dos grupos raciais. Em nota sobre o Congresso Internacional de Antropologia de 1952, realizado em Nova York, não deixaria de lembrar que as dificuldades da antropologia cultural originavam-se de uma “bruta confusão”, na medida em que atribuíam à “alma coletiva” o que estava “muito mais diretamente ligado aos tipos psicológicos que forma o grupo”.⁸² Tal compreensão remetia, como se sabe, ao domínio da clássica antropologia física, na medida em que associava cultura à natureza, comportamento às características raciais. Em crônica publicada em 1953, o antropólogo destacava também a realização do Congresso Internacional de Psicotécnica, realizado em Paris, lembrando que a relação entre os estudos da antropologia física, da biotipologia e da psicologia humana foi o tema central do evento. Em sua compreensão, esse seria, inclusive, o caminho para se “poder encontrar correspondência entre os tipos somáticos e psicológicos”, uma vez que “só recentemente se sabe que a inteligência depende menos do peso e da complexidade das circunvoluções do cérebro do que do sangue que irriga tão nobre senhor”.⁸³

Embora se visse como um “antropólogo reformado”, conforme afirmava em 1951, suas concepções continuavam, sem dúvida, fortemente ligadas à antropologia física. O exemplo disso podia ser visto no texto que escreveu sobre os dados do Recenseamento Geral de 1940. Como um antropólogo “sempre interessado nas questões de raça”, estranhava a ausência do termo “raça” no relatório e da imprecisão na classificação antropológica, argumentando que os habitantes do país não poderiam ser distribuídos somente pela “cor da pele”. Em sua opinião, a uso da classificação em brancos, pretos, amarelos e pardos, causava confusão, uma vez que “no grupo dos pardos (...) foram incluídos mestiços de toda casta: mulatos – (negro x branco), caboclos – (branco x índio), cafuzos – (índio x negro), etc”, o que levaria à conclusão de que no Brasil só haveria brancos, pretos e mulatos. Outro incômodo de Roquette-Pinto era o fato de o censo aceitar que os caboclos fossem “misturados, sem maior cautela”, entre amarelos e pardos, ignorando os verdadeiros números dessa população, sobretudo na região norte e nordeste do país.⁸⁴ Como um admirador da obra de Euclides

próprio conceito de “raça” fosse gradativamente deslocado para o de “populações”, acompanhando os estudos do evolucionismo neodarwiniano; SANTOS, Ricardo Ventura. Da morfologia às moléculas, p.133.

81 STOCKING, George. *Race, Culture and Evolution*.

82 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09/02/1954.

83 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17/11/1953.

84 SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*, p.178-188.

da Cunha, Roquette não deixaria de lamentar que o caboclo sertanejo, que ele considerava o verdadeiro representante da nacionalidade brasileira, fosse desprezado pelos dados oficiais.⁸⁵

É importante mencionar que Roquette-Pinto dedicou boa parte de seus estudos justamente à definição dos “tipos antropológicos”, como pode ser percebido no trabalho *Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil*, que publicou em 1928. Neste estudo, criou a sua própria classificação racial para determinar a população brasileira: *leucodermos* (brancos), *faidermos* (brancos x negros), *xantodermos* (brancos x índios) e *melanodermos* (negros).⁸⁶ Sua classificação racial, como se pode perceber, preservava a identificação dos sertanejos, a quem chamava de *xantodermos*. De outro lado, ao contrário do método empregado pelo censo de 1940, que levava em consideração apenas o fenótipo (cor da pele) para classificar os grupos raciais, Roquette-Pinto entendia que era necessário utilizar outras descrições morfológicas, atentando também para a cor dos olhos, o formato do cabelo, a estatura, a massa muscular e o índice cefálico e nasal. O que estava em jogo naquele momento, pode-se dizer, não era apenas a definição de uma “adequada” classificação da população brasileira, mas sim a própria preservação de uma abordagem científica que se associava à antropologia física da qual o antropólogo brasileiro fez parte nas três primeiras décadas do século XX.

Talvez por esse motivo, Roquette tenha comemorado, em nota publicada em 1952, a publicação do ensaio *Pesquisa de antropologia física no Brasil*, de autoria de Castro Faria. Nas palavras de Roquette, o autor “prestou um enorme serviço aos estudiosos” ao apresentar os trabalhos “que mais contribuíram” para a antropologia física no país, como os de João Baptista de Lacerda, Ladislau Neto, Rodrigues Peixoto, Julio de Moura, Fróes da Fonseca e Bastos de Ávila. Embora não faça menção ao seu próprio nome, Roquette provavelmente leu o ensaio com grande júbilo, na medida em que a sua produção antropológica ocupava a maior parte da análise de Castro Faria. Vale lembrar que, para o autor do ensaio, Roquette-Pinto teria sido responsável por um processo de renovação na antropologia brasileira, sobretudo por suas pesquisas acerca da classificação dos “tipos antropológicos” e pela defesa do “homem mestiço”.⁸⁷ O próprio Roquette não deixaria de citar com orgulho os três períodos da história da antropologia brasileira, conforme definiu Castro Faria: período da “construção” (1860-1910); “renovação” (1910-1930); “estabilidade” (1930-1950). Além de ver o seu próprio nome marcado como uma figura central na história

85 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01/09/1951.

86 SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil*, 2011.

87 CASTRO-FARIA, Luiz. Pesquisas de antropologia física no Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v.13, p.1-116, 1952.

da antropologia física, Roquette-Pinto também teria comemorado ao ver a recuperação dos trabalhos não só de sua geração, como da geração de seus professores e daquela que ele próprio ajudara formar.⁸⁸

Neste mesmo texto, ressaltava que a antropologia brasileira havia surgido nas salas do Museu Nacional, onde foi ensinada e praticada desde o final do século XIX. Contudo, apenas durante a “fecunda administração de Gustavo Capanema”, teria se transformado em disciplina universitária. Nas palavras de Roquette, a antropologia demorou a entrar na universidade, tanto no Brasil quanto na França, muito em função dos “espíritos conservadores” que se assustavam com a idéia de uma “história natural dos homens”, coisa que deveria ser exclusiva do reino animal. O próprio Augusto Comte, “tão livre de preconceitos e disposto a reformar as coisas”, teria separado os seres vivos em grupos distintos. Mas na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, ao contrário, “a vitória da antropologia foi rápida e fácil”, constituindo-se como uma disciplina científica importante para a história natural do homem, conforme Roquette-Pinto continuava concebendo a pesquisa antropológica.⁸⁹

Deste modo, é possível dizer que o próprio processo de expansão da antropologia no início dos anos 1950 também tenha mobilizado Roquette-Pinto a escrever sobre a história da disciplina em sua coluna semanal. Como já foi dito, reafirmar a memória do seu nome como um dos fundadores da disciplina significava escrevê-lo nos anais da história da antropologia brasileira. Embora tenha dedicado muitos anos de sua trajetória à radiodifusão, à educação, ao cinema educativo e às letras, parece que era mesmo como uma autoridade antropológica que Roquette-Pinto buscava construir sua identidade intelectual em meados do século XX. Aliás, como apontaram Lima e Sá,⁹⁰ a atuação deste personagem no campo da educação, da comunicação e da divulgação científica não devem ser percebidas como fases distintas que marcaram a sua trajetória, mas iniciativas empregadas justamente para legitimar socialmente a ciência e as práticas científicas às quais dedicou sua vida profissional.

Considerações finais

Como procuramos demonstrar, a coluna que Roquette-Pinto manteve no *Jornal do Brasil* pode ser lida como uma escrita de si, como um esforço para reafirmar sua biografia, suas relações intelectuais, sua sociabilidade e para eternizar a sua memória. As homenagens que recebeu da imprensa, de instituições e de importantes figuras do meio intelectual e científico,

88 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/06/1952.

89 ROQUETTE-PINTO, Edgard. Notas e Opiniões. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/06/1952.

90 LIMA, Nísia Trindade e SÁ, Dominichi Miranda de. Apresentação. In: _____. (orgs.). *Antropologia brasileira*, p.13.

quando de sua morte em 1954, contribuíram, sem dúvida, para documentar a sua passagem pelo mundo. Entretanto, os escritos de sua coluna, que ele cuidadosamente deixara arquivados em seu apartamento junto a uma pilha de outros documentos reunidos ao longo da vida, podem contribuir para a compreensão sobre o significado que Roquette-Pinto atribuía à preservação de sua memória e das idéias que sua geração defendeu ao longo da primeira metade do século XX.⁹¹

Ao que parece, conforme mencionou o educador Pedro Gouveia Filho, o antropólogo desejava publicar não somente um volume completo com os escritos do *Jornal do Brasil*, mas também um livro com suas “notas autobiográficas”, cujo sugestivo título deveria ser “Rio abaixo”.⁹² Embora sua morte tivesse impedido a execução deste projeto intelectual, Roquette-Pinto sempre fora consciente de que a preservação de seus textos de memórias, e de um amontoado de documentos com informações sobre sua trajetória, garantiria a reconstrução de sua sociabilidade intelectual, da atuação pública de sua geração, de sua autoridade antropológica e de sua própria biografia por futuros historiadores e biógrafos.

É preciso destacar que os escritos de sua coluna, e a própria seleção de documentos que deixou arquivado, permitiram-lhe de certa maneira controlar o que poderia ser dito sobre sua trajetória, ou como gostaria de ser lembrado nos anais da história. Assim, pode-se dizer que suas “Notas e Opiniões” foram, um espaço de consagração e de preservação de sua memória. Contudo, mais do que um “ato de memória”, sua coluna no *Jornal do Brasil* deve ser interpretada como um projeto de final de vida, um ajuste com o passado e, ao mesmo tempo, com o presente e o futuro. Para Roquette-Pinto, não bastava deixar os vestígios documentais de sua presença no campo das ciências e das letras, era preciso reafirmar o seu lugar como uma autoridade intelectual que, até os últimos anos de vida, dedicou sua trajetória ao conhecimento da realidade brasileira e a defesa dos interesses do país.

Neste sentido, sua coluna pode ser compreendida também como uma tribuna pública por meio da qual o escritor procurava manter um espaço de comunicação com seus leitores, especialmente com os pares do mundo intelectual, formando uma relativa “opinião pública” sobre discussões e idéias que marcaram a sua trajetória. Isso lhe possibilitaria não apenas preservar um espaço importante para o diálogo público, como também fazer a defesa de seus projetos intelectuais e daqueles idealizados por sua própria geração, divulgando suas visões de mundo, os ensinamentos práticos e as ações promovidas em nome do “compromisso ideológico” que mantinham com os interesses da sociedade e com a modernização do país. Além disso,

91 O Arquivo Pessoal de Roquette-Pinto encontra-se hoje sob a guarda da Academia Brasileira de Letras.

92 GOUVÊA FILHO, Pedro. *E. Roquette-Pinto: o antropólogo e educador*. Rio de Janeiro: MEC, 1955, p.48.

discutir, nas páginas de um dos principais jornais do país na época, temas relacionados à ciência, educação, literatura e à vida social brasileira, pode ser interpretado como uma maneira que encontrou para continuar a ser um intelectual, um escritor, um antropólogo, ou simplesmente para continuar a sua existência enquanto homem público.